

DADOS EPIDEMIOLÓGICOS DE GATOS COM ESPOROTRICOSE REGISTRADOS PELA PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS

**LAURA MICHELON¹; PAULA DIELE PEREIRA FONSECA LAGES²; THALANTY
MAYARA GALLEGÓ³; ISABEL MARTINS MADRID⁴; MÁRCIA DE OLIVEIRA
NOBRE⁵**

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – lauramichelon@msn.com*

²*UFPEL – pauladpflages@gmail.com*

³*UFPEL – thalanty@uol.com.br*

⁴*Prefeitura Municipal de Pelotas – imadrid_rs@yahoo.com.br*

⁵*UFPEL – marciaonobre@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea cosmopolita, encontrada, mais comumente, acometendo humanos, cães e, principalmente, gatos (BARROS et al., 2010). Nas regiões sul e sudeste do Brasil, a espécie filogenética *Sporothrix brasiliensis* tem sido encontrada com maior frequência como causadora da doença (CRUZ, 2013), sendo sua transmissão zoonótica a principal forma de disseminação no país (FREITAS, 2009).

Na região sul do Rio Grande do Sul, casos de esporotricose em pequenos animais são diagnosticados desde 1996 (ANTUNES et al., 2009), sendo que no período de 2000 a 2010 foram relatados 103 casos em cães e gatos (MADRID et al., 2012). Entretanto, o número de diagnósticos é crescente, conforme evidenciado pelo CENTRO DE CONTROLE DE ZOONOSES (CCZ) DA PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS – RS (2015), que recebeu um total de notificações de 87 gatos e 17 pessoas acometidos pela doença no município, durante o ano de 2014.

Apesar do elevado número de casos, a divulgação dos dados epidemiológicos acerca da esporotricose felina são menos frequentes. Os últimos estudos feitos no município datam de 2012 e 2013 (MADRID et al., 2012; DULAC et al., 2013), tornando importante a realização de novos estudos para sempre conhecer o comportamento da doença na região.

O presente trabalho tem como objetivo descrever os aspectos epidemiológicos da esporotricose felina no município de Pelotas durante o período de outubro de 2015 a junho de 2016.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido em parceria com o Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) da Prefeitura Municipal de Pelotas, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Experimentação Animal da UFPEL (CEEA 8442-2015) e autorizada a inclusão dos animais por seus respectivos tutores. Foram estudados 17 felinos com esporotricose confirmada pelo isolamento de *Sporothrix* spp.

Para obtenção dos dados epidemiológicos, foi aplicado aos tutores um questionário solicitando as seguintes informações a respeito dos animais: idade (até 1 ano, entre 1 e 5 anos, ou mais de 5 anos), sexo (fêmea ou macho), status reprodutivo (inteiro ou castrado), tipo de local de permanência no início da infecção (casa, apartamento, ou rua) e acesso à rua (livre ou restrito).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à idade dos animais, gatos entre 1 e 5 anos foram mais acometidos (Tabela 1), seguidos dos animais mais velhos (com mais de 5 anos). Este dado corrobora com outros autores, que também encontraram no município a prevalência de gatos adultos infectados por *Sporothrix* spp. (MADRID et al., 2012; DULAC et al., 2013).

No que se refere ao sexo e ao *status* reprodutivo, a maioria dos animais estudados era de machos não-castrados (Tabela 1), o que também vai ao encontro dos trabalhos realizados por MADRID et al. (2012) e DULAC et al. (2013) em Pelotas (RS) e região. Entretanto, no trabalho que estudou 92 casos de esporotricose felina, houve uma maior porcentagem de fêmeas infectadas (30,4%), apesar do número de machos ainda representar a maioria dos gatos doentes (MADRID et al. 2012). Isso difere do encontrado pelo presente estudo e por DULAC et al. (2013), em que 100% dos animais pesquisados eram machos. Conforme dados reunidos em revisão por ACOSTA et al. (2013), os gatos com acesso livre à rua estão entre os mais acometidos pela doença, o que é similar ao demonstrado por este trabalho, que identificou que todos os animais essa liberdade, concordando também com MADRID et al. (2012).

Tais resultados corroboram com outros autores citados por ACOSTA et al. (2013) em sua revisão, que conclui que a maioria dos felinos com esporotricose tem menos de quatro anos de idade, e que machos são acometidos cerca de duas vezes mais que fêmeas, principalmente aqueles que têm livre acesso à rua e não são castrados. Segundo os autores, esse perfil está relacionado diretamente ao hábito de sair de casa, explorar o ambiente mexendo em plantas, e de se envolver em brigas por território e/ou fêmeas.

Tabela 1. Fatores epidemiológicos de felinos obtidos através de questionário aplicado a tutores de gatos com esporotricose do município de Pelotas (RS).

Fator	Categoria	Resultado % (n)
Idade (anos)	Até 1	5,88% (1/17)
	1 a 5	70,58% (12/17)
	Acima de 5	23,52% (4/17)
Sexo	Fêmea	- (0/17)
	Macho	100% (17/17)
Status reprodutivo	Castrados	17,64% (3/17)
	Inteiros	82,35% (14/17)
Ambiente	Casa	64,7% (11/17)
	Apartamento	- (0/17)
	Errante	35,29% (6/17)
Acesso à rua	Livre	100% (11/11)
	Restrito	- (0/11)

Observando-se o tipo de ambiente em que o animal vivia no momento em que foi infectado, na maioria dos casos os gatos eram domiciliados, e viviam em casas, seguido dos casos em que o animal era errante, e então foi recolhido para o tratamento (Tabela 1). Esses dados evidenciam a necessidade de conscientização da população sobre a guarda responsável e a importância de manter seus animais dentro de casa, visto que o hábito de sair à rua sem controle do tutor põe em risco não só a saúde do animal, bem como a saúde do próprio

guardião. Isso porque, segundo HAY et al. (2008), entre a população de risco para esporotricose, estão os tutores de animais doentes, que ao manejá-los acometidos pela doença, estão suscetíveis à infecção através de arranhões e mordeduras.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se a partir deste trabalho que, entre os gatos diagnosticados com esporotricose no município de Pelotas (RS) atendidos pelo CCZ da Prefeitura Municipal, há maior acometimento de gatos machos, não-castrados, entre 1 e 5 anos de idade, que vivem em casas e têm acesso livre à rua, mantendo o perfil epidemiológico encontrado na região em outras datas. Além disso, o presente estudo evidencia que a maioria dos gatos acometidos pela esporotricose são domiciliados e residem em casas, mas com livre acesso à rua, alertando para a necessidade de conscientização da população pelotense sobre a doença e a guarda responsável.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, B.P. **Eficiência da terapia antifúngica na esporotricose felina: relato de casos.** 2013. 28f. Monografia (Especialização em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais) – Centro de Estudos Superiores de Maceió, Fundação Educacional Jayme de Altavila.

ANTUNES, T.A.; MEINERZ, A.R.M.; MARTINS, A.A.; MADRID, I.M.; NOBRE, M.O. Esporotricose. In: MEIRELES, M.C.A.; NASCENTE, P.S. **Micologia veterinária.** Pelotas: Ed. Universitária UFPEL, 2009. Cap. 5.2, p.109-124

BARROS, M.B.L.; SCHUBACH, T.P.; COLL, J.O.; GREMIÃO, I.D.; WANKE, B.; SCHUBACH, A. Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v.27, n.6, p.455-460, 2010.

CENTRO DE CONTROLE DE ZOONOSES – PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. *Dados da esporotricose em Pelotas no ano de 2014.* Pelotas, 2015.

CRUZ, L.C.H. Complexo *Sporothrix schenckii*: revisão de parte da literatura e considerações sobre o diagnóstico e a epidemiologia. **Veterinária e Zootecnia**, v.20, p.8-28, 2013.

DULAC, C.F.; OSÓRIO, L.G.; SEBERINO, G.B.; ZAMBARDA, T.T.; PEREIRA, D.G.; MEIRELES, M.C.A. Levantamento dos casos de esporotricose em pequenos animais em Pelotas/RS durante o primeiro semestre de 2013. In: **CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**, 22., Pelotas, 2013. *Anais...* Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2013. Disponível em: < <http://www2.ufpel.edu.br/cic/2013/index.php?sec=anais>> Acesso em: 6 dezembro 2015.

FREITAS, D.F.S. **Dez anos de epidemia de esporotricose no estado do Rio de Janeiro: estudo clínico-epidemiológico e terapêutico dos casos atendidos no Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas entre 2005-2008.** 2009. 53f.

Dissertação (Mestrado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas) – Programa de Pós-Graduação em Pesquisa Clínica de Doenças Infecciosas, Fundação Oswaldo Cruz.

HAY, R.J.; MORRIS-JONES, R. Outbreaks of sporotrichosis. **Current opinion in infectious diseases**, v.21, n.2, p.119-121, 2008.

MADRID, I.M.; MATTEI, A.S.; FERNANDES, C.G.; NOBRE, M.O.; MEIRELES, M.C.A. Epidemiological findings and laboratory evaluation of sporotrichosis: a description of 103 cases in cats and dogs in southern Brazil. **Mycopathologia**, v.173, p.265-273, 2012.